



Joana Carvalho Fernandes

Sair

Pesquisar

Pobreza/Lisboa: Não se sabe quantos pobres há na capital - diretor de Observatório

Os Meus Serviços

Agências

Estrangeiras (Uso Interno)

Arquivo Texto

Lusa Rádio

Serviço Agenda

Serviço Desporto

Serviço Economia

Serviço Global

Serviço Infografia

Serviço

Internacional

Serviço Lusa Vídeo

Serviço Lusa Áudio

Serviço Lusofonia

Serviço Nacional



Número de Documento: 16162447

Lisboa, Portugal 26/05/2013 07:00 (LUSA)

Temas: Desemprego, ONG, Sociedade, população e censos, Deficientes, Família, Sem-abrigo, Pobreza, Assistência social, Assistência prolongada, condições de vida, problemas sociais, serviços sociais

Lisboa, 26 mai (Lusa) – O diretor do Observatório de Luta Contra a Pobreza na cidade de Lisboa, Sérgio Aires, diz que não se sabe quantos pobres vivem na capital portuguesa, porque, considera, “nunca houve vontade política” para calcular a pobreza a este nível territorial.

“Não conhecemos a taxa de pobreza nas cidades. Não sabemos quantos pobres há em Lisboa”, disse à Lusa Sérgio Aires, defendendo que, “do ponto de vista técnico, era perfeitamente possível chegar a uma solução de cálculo, mas, do ponto de vista político, parece nunca ter havido vontade para fazê-lo, nem ao nível nacional nem europeu”.

E mesmo à escala nacional, explicou, os dados sobre a pobreza “devem ser vistos apenas como indicações”. Hoje, diz, “vivemos uma situação caricata”. Apesar do que revelam sobre a situação social do país os dados do desemprego e os dados do acesso ao subsídio de desemprego – a taxa é de 17,7% e as prestações de desemprego chegam apenas a 44% dos desempregados – a taxa de risco de pobreza em Portugal está a diminuir.

“Isto acontece porque a definição oficial de pobreza mede-se tendo em consideração o rendimento mediano do país. Assim, se o rendimento mediano baixa, como vem a acontecer em Portugal, em consequência da diminuição ou estagnação dos salários, também baixa o limiar de pobreza contido na definição oficial de pobreza”, explicou.

Desta forma, acrescentou, “reduz-se o número de pobres em função do empobrecimento geral do país”.

De acordo com dados do Instituto da Segurança Social, entre 2006 e 2012, o número de famílias beneficiárias do Rendimento Social de Inserção (RSI) no distrito de Lisboa quase triplicou, passando de 13 mil para 31 mil.

Contudo, entre 2010 e 2012 houve uma quebra no número de famílias beneficiárias desta prestação social: de quase 37 mil em 2010, desce-se para 33 mil em 2011 e para 31 mil em 2012. Esta mudança foi acompanhada da descida do valor médio da prestação por agregado: de 239 euros em 2006, desceu para 215 euros em 2012.

No total, o número de beneficiários do RSI no distrito de Lisboa passou de 35 mil em 2006 para 80 mil em 2012, e também aqui se registou uma redução do número de beneficiários entre 2010 e 2012: de 94 mil beneficiários do RSI em Lisboa em 2010, passou-se para 85 mil em 2011 e para 80 mil em 2012.

Para Sérgio Aires, a evolução geral dos indicadores desta prestação não pode, “necessariamente, nesta conjuntura, significar menos necessidade”. O sociólogo considera que esta evolução traduz, essencialmente, as mudanças nas regras de acesso à medida.

No caso das insolvências de empresas – que também ajudam a ter uma ideia sobre a pobreza na capital – mais do que duplicaram entre 2009 e abril de 2013, de acordo com dados sistematizados pelo Observatório de Luta Contra a Pobreza na Cidade de Lisboa.

Enquanto em 2009 houve 94 empresas no concelho de Lisboa a declararem insolvência, esse número subiu para 165 em 2012 e no final de abril de 2013 era já de 199 empresas.

Também o número de insolvências de pessoas singulares no concelho de Lisboa teve um aumento muito significativo: de 151 indivíduos a declarar insolvência em 2009, o número passou para 1275 em 2011, e foi de 2374 em 2012.

Para o sociólogo, este é um indicador económico “com uma leitura direta” em relação à pobreza: “O nosso tecido empresarial é caracterizado por muitas empresas de pequena dimensão e familiares. É óbvio que estes episódios desencadeiam pobreza”, afirmou.

E às vezes, acrescentou, isso nem acontece de forma direta. “Acontece porque os pais socorrem os filhos. Porque esta ‘geração à rasca’ está a ser ajudada pelos pais e pelos avós, que colocam o seu bem-estar em risco para ajudar a família”.

JYF// ZO

Lusa/fim.



EUROPHOTO

